

# CIMEIRA DE ROMA: OPTIMISMOS E TEMORES

Por Lourenço Jossias, enviado especial

1-45/92( Roma) A anunciada cimeira entre o presidente Joaquim Chissano e o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, tanto poderá vir a constituir um sucesso sem precedentes como pode ser um fracasso terrível para Moçambique, tudo dependendo do trabalho de preparação que deve estar a anteceder-lá, assim comentam as personalidades ligadas ao processo de paz moçambicano que decorre em Roma.

Chissano e Dhlakama terão o seu primeiro "frente a frente" no dia 3 de Agosto em Roma, no culminar de um esforço diplomático paralelo à mediação oficial que vem sendo desenvolvido pelo Presidente Robert Mugabe do Zimbabwe.

Há razões para optimismos em volta do encontro, uma vez que dele pode ser reforçada a ainda débil confiança que existe entre o Governo e a Renamo, ou pode sair, por qualquer milagre ou entendimento, a decisão de se assinar o acordo de paz, mesmo que os instrumentos legais desse acordo não tenham sido ainda acordados em Santo Egídio.

Figuras ligadas ao processo de paz, como por exemplo da mediação, não escondem a surpresa que constitui a decisão de Chissano de, sem "A" nem "B", encontrar-se com Dhlakama, quando na mesa há aspectos por acertar, quando ainda há divergências por sanar.

Concordam, porém, com o coordenador da mediação, Mário Raffaelli quando no seu primeiro contacto com o "mediaFAX" em Roma, disse que tudo aquilo que fôr feito para contribuir para o processo de paz é bom mas tudo quanto fôr a complicar é mau.

Observadores na capital italiana esperam que o encontro Chissano-Dhlakama seja para fazer avançar o processo de paz, pois ele é o último esforço que ainda faltava realizar, nesta procura de paz que já teve no

24. 7. 1992

MEDIA FAX

1/4

acordo de Nkomáti uma esperança decisiva.

Mas, estarão a ser criadas as condições necessárias para que esse "frente a frente" tenha os êxitos esperados? Em Roma, a sensação que há junto de vários sectores ligados às conversações é de que não. "A decisão foi rápida demais", dizem tais sectores, argumentando que assim no meio de divergências sobre questões militares, o encontro de Roma não vai produzir grandes decisões.

Os receios aumentaram logo que Afonso Dhlakama anunciou, na quarta-feira em Genebra, que o encontro seria aqui em Roma. Deduzindo-se que vai ter lugar à margem das conversações e com a mediação oficial envolvida, receia-se que vão faltar dados técnicos decisivos para que Chissano e Dhlakama se comprometam a assinar um acordo de paz sem bases solenes e formais.

A mediação, que está visivelmente embaraçada com o encontro que decorre no seu terreno mas fora do seu controlo, tenta desesperadamente obter dados concretos junto de quem quer que seja sobre que iniciativa será esta.

Este é um dos motivos dos temores que pairam, pois uma vez anunciada a realização da cimeira em Roma, seria de esperar que a mediação e as partes estivessem envolvidas a atender questões ligadas a esse encontro, numa espécie de preparação técnica da cimeira. Mas, tal não está a acontecer, pois ainda não há da parte das duas delegações nenhuma confirmação.

"Nós sabemos através dessas fontes que circulam aí no mundo, as agências noticiosas, as estações de rádio", disse em privado um membro da mediação ao "mediaFAX". Pessoa de poucos conflitos e de muitos segredos, a fonte evitou revelar a existência de qualquer problema mas evidenciou, claramente, que o

2/4

encontro, mais concretamente a sua preparação, esconde dados de vital importância para a mediação.

Quando perguntei ao interlocutor onde seria a cimeira, respondeu que não sabia pois a mediação não se tinha debruçado ainda sobre isso porque "como disse, ainda não temos nenhum contacto oficial". Respondeu, porém que "talvez" terá lugar na Vila Madamme, no Ministério italiano dos Negócios Estrangeiros.

A sensação que há, quando se fala com franqueza mas sempre em privado com pessoas próximas das conversações aqui em Roma, é de que o Governo de Moçambique, agastado já pela demora das conversações tem sido pressionado por todos os lados para que resolva o conflito armado com a Renamo. E para acudir a essa pressão, Chissano terá aceite conversar com Dhlakama mas sendo essa atitude vista como contrária aos princípios várias vezes tornados públicos segundo os quais um encontro com Dhlakama sem garantias de bons resultados seria coisa impensável.

E desta vez, a pressão veio do grande aliado regional de Moçambique, o Zimbabwe, onde Mugabe, a braços também com problemas internos e com necessidade absoluta e urgente de elevar o seu prestígio interna e internacionalmente, tenta jogar como peça decisiva a paz moçambicana.

Os receios que persistem em Roma têm também a ver com a história e o ponto actual das conversações. Lembram-me os observadores que as soluções africanas das guerras em África têm o perigo de não terem em conta as formalidades jurídico-legais dos entendimentos.

Recordam-me Gbadolite, onde 19 chefes de Estado de África assumiram com Savimbi um compromisso verbal sem documento. "O que se viu é que não valeu absolutamente para nada", recorda-

3/4

-me um observador militar de um país europeu.

Se não houver boa preparação, repetem, o encontro Chissano-Dhlakama pode terminar com um "está bem, a guerra acabou" mas depois vão se colocar os mesmos problemas que se colocaram em Angola. "A guerra não é só de Dhlakama, Moçambique precisa de um acordo de paz escrito artigo por artigo", acrescentou a fonte do "mediaFAX".

Ligado ao ponto actual das conversações, há a considerar que, por um lado, a Renamo já está a celebrar a cimeira entre os dois adversários, tendo Dhlakama definido a reunião como "encontro de dois líderes". Por outro, há que ver as divergências que se mantêm sobre aspectos cruciais em relação às questões militares.

Raúl Domingos há muito que não utilizava violência verbal mas agora, na véspera da cimeira, volta a endurecer as posições, chamando de comunista e marxista à Frelimo. Trata o SISE como grupo de assassinos que deve ser desmantelado. Diz que quem está em estudos no exterior sendo militar governamental que venha agora.

Dhlakamá em Genebra, já a caminho de Roma para tomar parte na cimeira, diz que só haverá paz "quando a Frelimo aceitar o estabelecimento da democracia em Moçambique".

Num cenário destes, é muito compreensível que sectores cautelosos e atentos à história se preocupem com o previsto encontro, ou melhor, com os seus resultados, pois Dhlakama pode arrastar Chissano para o mesmo tipo de debates esgotantes e improdutivos a que Domingos sujeita Guebuza

E se a cimeira decepcionar, quem ficará a perder, de ponto de vista de Roma, não será Chissano. "O mundo ficará a olhar para o Mugabe", dizem os observadores.

4/4